

Abordagem crítico-emancipatória da Educação Física como possibilidade de emancipação humana

Everton de Souza*

Resumo

Este trabalho teve como objetivo fazer uma relação entre a Educação Física, sob o viés crítico emancipatório, e aspectos gerais da sociedade brasileira. Foram trabalhados conceitos filosóficos como esclarecimento – na perspectiva de Kant – e dialética do esclarecimento – pelo prisma da Escola de Frankfurt. Ver-se-á que a Educação Física tem um papel fundamental a desempenhar na formação de pessoas críticas e que ajam para a construção de uma sociedade justa para todos. Com efeito, a análise aqui empreendida romperá com um padrão de senso comum que pensa a Educação Física como algo exclusivamente ligado ao corpo e sem interação com o mundo social. Para isso, alguns atletas, como Sócrates, serão evocados como exemplos da relação entre esporte e sociedade.

Palavras-chave: Emancipação. Educação Física crítica-emancipatória. Esporte e sociedade.

Introdução

Kunz (1999) advoga uma Educação Física que não esteja somente ligada ao exercício do corpo, mas que tenha articulação com a vida social e intelectual dos praticantes de esporte. Com efeito, segundo esse renomado pesquisador, através do esporte é possível, ao mesmo tempo, formar pessoas no aspecto estritamente físico e na esfera histórico-filosófico-social. Sócrates, jogador do Corinthians na década de 1980, pode ser visto como um grande exemplo dessa relação. Ao mesmo tempo que atuou como jogador também teve papel fundamental no sentido de combater a ditadura militar. Ajudou, por meio do esporte, a despertar nas pessoas a consciência crítica.

O Brasil, sob a onda conservadora, vive tempos em que a participação da sociedade civil é fundamental para que se garanta o Estado Democrático de Direito para todos, fugindo, assim, da barbárie. Com efeito, uma tarefa do professor de Educação Física, na formação dos jovens, é discutir com seus alunos sobre o compromisso social do esporte.

Como se pode perceber, sob a visão de Elenor Kunz, o esporte ganha um significado mais rico: ao mesmo tempo que se constitui como estilo de vida, ele figura

* Graduado em Educação Física pela Faculdade Guairacá (FAG), mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).
E-mail: everton-sou@hotmail.com

como um poderoso instrumento de interação com a sociedade e com o mundo da política. Sob essa perspectiva, o referencial filosófico da Escola de Frankfurt tem muito a contribuir para a formação de profissionais e cidadãos, tal como defende Kunz (1999).

A abordagem crítico-emancipatória da educação física e a escola de Frankfurt

Kunz (1999) afirma que quando pensou na Educação Física através do viés crítico emancipatório, buscou suas principais referências em Kant, por meio do texto “O que é o esclarecimento?”, e em Horkheimer e Adorno, que escreveram “A dialética do esclarecimento”. Mas, em linhas gerais, o que esses autores disseram acerca desses termos?

Segundo Kant (2012, p. 145), “[...] o Esclarecimento é a libertação do homem de sua imaturidade autoimposta. Imaturidade é a incapacidade de empregar seu próprio entendimento sem a orientação de outro”. Já Adorno e Horkheimer (1947, p. 5), ao verem o caminho trilhado pela razão iluminista, são categóricos ao afirmarem que:

[...] o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência.

Kant pensara que os seres humanos encontrariam a emancipação com o advento do Iluminismo. Contudo, Adorno e Horkheimer constataram que as classes dominantes se apoderaram do saber técnico e, por meio de suas riquezas, colocaram em situação de submissão todos os que desejaram se aproximar dessa razão instrumental. Com efeito, na sociedade capitalista, asseveram os filósofos frankfurtianos, a tão sublimada razão dos iluministas transformou-se em elemento de domesticação das pessoas, levando-as à massificação (ADORNO e HORKHEIMER, 1947).

Diante disso, o que Kunz propõe é uma retomada do esclarecimento kantiano, em seu sentido original e descolado da deturpação perpetrada pelas classes dominantes, à luz do que a Escola de Frankfurt filosofou acerca da relação entre capitalismo e razão instrumental. Tendo essas ideias como referenciais teóricos, Kunz (1999) afirma que a comunidade escolar se constitui como um *lócus* efetivo, no sentido de levar as pessoas ao encontro do conhecimento; não de um conhecimento que está escravo aos ditames da sociedade de consumo, mas de um conhecimento que objetiva enxergar a realidade atual através das ideias que são impostas pelas classes dominantes. Em outras palavras,

seguindo Marx e Engels (1988), por uma educação que consiga superar as ideias das classes dominantes e que leve os dominados à verdadeira emancipação.

Nesse projeto proposto pelo professor Elenor Kunz, a Educação Física tem papel fundamental a desempenhar. Segundo Kunz (1999, p. 38):

[...] os profissionais da Educação Física Escolar ainda entendem sua área de atuação como uma intervenção prática, apenas, para: a) melhorar a condição física do aluno; b) ensinar as técnicas do esporte; c) propiciar alegria e descontração ao aluno através de atividades lúdicas.

Desse modo, essa disciplina não deve ser reduzida a algo que leva os alunos somente à prática mecânica dos esportes. Ao contrário, ela tem, segundo Kunz (1999), o potencial de ser um meio disseminador de uma visão crítica da sociedade atual.

Ver o esporte como um meio de se criar cidadãos críticos é algo que inevitavelmente leva à “Democracia Corinthiana”, que ocorreu na década de 1980. Esse movimento foi liderado por Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon. De acordo com Martins e Reis (2014), trata-se do movimento mais organizado ideologicamente que o esporte brasileiro já teve em sua história. O Brasil vivia sob a égide da Ditadura Militar, naquele momento sob a batuta do militar João Baptista de Oliveira Figueiredo. Nesse contexto de perseguição política, de práticas de torturas e assassinatos¹ a *personae non gratae*, o simples fato de manifestar apreço à liberdade de expressão e à democracia em si eram atos de indizível sublevação.

Nessa atmosfera mórbida, contaminada pelo autoritarismo dos militares, Sócrates liderou os jogadores do Corinthians para a luta democrática dentro do clube. Inicialmente, segundo Martins e Reis (2014), os jogadores quiseram ganhar espaço junto às decisões que eram proferidas de forma unilateral pela diretoria. Com esse movimento dos jogadores, Wladimir relata que:

[...] todos os assuntos que nos diziam respeito, a gente decidia coletivamente. A concentração, por exemplo, todo mundo foi ouvido. O consenso foi que a concentração fosse facultativa. Os solteiros teriam que concentrar. Os casados, só iriam para a concentração quem quisesse (MARTINS e REIS, 2014, p. 433).

¹ É possível ver muitas das atrocidades desse período no site da Comissão da Verdade: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Nesse site há toda uma farta comprovação de como a Ditadura Militar foi algo sanguinário.

Contudo, quem experimenta os ares puros da democracia nunca mais conseguirá se habituar com um ambiente ditatorial. Desse modo, os jogadores do Corinthians levaram a mensagem democrática para dentro das quatro linhas. Sócrates, ao marcar gols, comemorava com o punho direito cerrado, um gesto que simboliza a resistência ante alguma situação de opressão. O jogador, com esse ato simbólico que se iniciou com o movimento dos Panteras Negras dos EUA, tinha o objetivo de politizar os que assistiam aos jogos do Corinthians. Ele queria mostrar para todos os públicos que algo de errado estava acontecendo fora dos campos. Era sobre a ditadura que Sócrates e os outros jogadores queriam comunicar.

Essa iniciativa, que começa nos bastidores do clube e passa para as quatro linhas, tornou-se algo imparável. Os jogadores, sobretudo o quarteto Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon, tiveram participação ativa nas Diretas Já. De acordo com Martins e Reis (2014), como os jogadores possuem muita visibilidade, afinal, grande parte da população brasileira gosta de futebol, esses jogadores do Corinthians fizeram história, pois através do seu engajamento político conseguiram trazer para a luta política muitos que, até pouco tempo, só queriam mesmo saber de ver o futebol. O futebol, para quem assistia, deixava de ser algo desvinculado do mundo real. O esporte, desse modo, não comunicava tão somente a mensagem de que é necessário se movimentar para a saúde, para a qualidade de vida, para a socialização etc. O esporte dizia algo a mais: é imprescindível, também, lutar por um bem inalienável: a liberdade – que na época estava plenamente sufocada.

Mas o esporte também pode ser usado para criar uma consciência alienada. Mais de 30 anos após esse evento memorável da Democracia Corinthiana, jogadores da seleção brasileira de vôlei de praia [Wallace e Maurício], após um jogo contra a seleção francesa, fizeram com as mãos uma combinação que dava no número “17”, conforme Charlson (2018). Era época eleitoral e o candidato que concorria com esse número era Jair Messias Bolsonaro. Causa estranheza ver que jogadores apoiavam um candidato favorável ao fechamento do Congresso, saudosista da Ditadura e admirador do torturador coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Mas a democracia, que é o penhor de pessoas como Sócrates, conseguiu, sob muita luta, um direito que não se tinha na ditadura: a livre manifestação. Desse modo, esses jogadores de vôlei só poderiam, atualmente, apoiar alguém que é contra a democracia pela qual seus antepassados lutaram. Se eles tivessem uma consciência crítica mais sintonizada com o passado real do Brasil jamais pediriam para a presidência alguém que, futuramente, poderia censurá-los caso não rezassem mais a cartilha de forma integral.

O contraponto a essa decisão lastimável dos jogadores da seleção masculina veio com a jogadora de vôlei de praia Carol Solberg. No dia 20 de setembro, após conquistar a medalha de bronze do Circuito Nacional, Carol, ao dar uma entrevista coletiva, usou do espaço para gritar “Fora, Bolsonaro!”, conforme reportagem de Fernandes (2020). É evidente que este trabalho não daria conta de explicar os inúmeros motivos que a atleta tem para dar esse grito de ordem. Só a postura genocida do presidente na pandemia, como afirmam comprovadamente os estudos de Silva, Pires e Pereira (2020) e Silva et al. (2020), já seria motivo suficiente para qualquer um repetir esse grito.

Como se pode ver pelos exemplos dados, o esporte pode ser um meio de esclarecimento e necessária politização. Mas para que essa politização não se torne uma aberração, tal como a praticada pelos jogadores de vôlei que fizeram alusão a uma pessoa [Jair Bolsonaro] que declaradamente é homofóbica (BOLSONARO, 2018), contra os direitos humanos (BOLSONARO, 2016) e pró-ditadura (BOLSONARO, 2013), é fundamental que haja um trabalho educacional, sobretudo na educação básica, que leve os alunos a desenvolverem senso crítico que esteja lastreado nas garantias dos direitos fundamentais de todos os brasileiros e dentro dos princípios democráticos, conforme a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

No caso brasileiro, a educação a ser pensada, com o advento do bolsonarismo, é uma educação que combata a barbárie. Mas por quais motivos pode-se afirmar que o bolsonarismo tem relação com a barbárie? Os citados no parágrafo anterior – homofobia e o fato de ser contra os direitos humanos – já bastariam como justificativas. Mas há que se lembrar que quem alimenta de forma substancial os ideais de Bolsonaro é um astrólogo chamado Olavo de Carvalho. Olavo, uma pessoa sem formação adequada, arroga-se o título de filósofo e, assim, ministra um curso *online* de filosofia. Dois dos filhos do presidente, Carlos e Eduardo, fazem parte do séquito olavista e usam atualmente a condição de homens públicos para disseminar as ideias desse “guru”.

Para se ter noção da influência do olavismo no governo, quando Bolsonaro fora eleito, em 28 de outubro de 2018, fez um discurso oficial como presidente eleito. Nesse momento ele deixou à exposição três livros: a Constituição de 1988, a Bíblia e um livro de Olavo de Carvalho. Bolsonaro mostrava, assim, qual seria o tripé do seu governo. As ideias olavistas sustentavam esse edifício.

Imagem 1 – Print Screen SysRq de discurso de Jair Bolsonaro, eleito como 38º Presidente da República Federativa do Brasil



Fonte: Canal Jair Bolsonaro (YouTube)².

Em linhas gerais, Olavo defende que o mundo está sendo ameaçado por um comunismo global, que é financiado por bilionários e que usa de agências supra nacionais, como a ONU, para avançar a sua agenda de destruição dos valores cristãos. Com efeito, na cosmovisão desse astrólogo cristão, tudo pode se resumir em uma grande luta entre bem – representado por Cristo – e mal – que é o demônio, o qual se utiliza do comunismo para fazer frente à Igreja Católica. Cabe, então, segundo Olavo, aos políticos usarem da máquina pública para fazer avançar as ideias cristãs em detrimento do comunismo. Foi exatamente essa cartilha que Bolsonaro rezou em seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 2019.

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, **libertando-a**, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e **da submissão ideológica** [...]. Vamos unir o povo, valorizar a família, **respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã**, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País **livre das amarras ideológicas** (BRASIL, 2019, *online*, grifo nosso).

² Disponível em: <<https://youtu.be/3gZ3WfVagoo>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Embora haja no discurso a ideia de respeitar outras religiões, Bolsonaro disse, tempos antes, que:

[...] somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem (CARTA CAPITAL, 2020).

E, após 100 dias de governo, afirmou que “[...] uma das diretrizes do governo é trabalhar com foco na valorização da família, valores cristãos, educação de qualidade e sem viés ideológico, com geração de emprego, renda e desburocratização” (SOARES et al., 2020). Quando Bolsonaro se refere às questões ideológicas é ao socialismo que ele se remete. Desse modo, cumpre à risca as diretrizes de Olavo de Carvalho.

Olavo é tão influente que chegou a indicar ministros no atual governo: Ricardo Vélez Rodríguez e Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, dois ex-ministros da educação, e o atual ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo [que segue fielmente os ditames do seu mestre].

Com base nisso, há elementos robustos para se afirmar que o Brasil precisa de uma educação que seja contra a barbárie, afinal, a barbárie se institucionalizou. A esse respeito, Adorno (1970, p. 75) afirma:

Esta questão central para mim é decisiva; é a isto que me refiro com a função do esclarecimento, e de maneira nenhuma à conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo.

A educação, como forma de esclarecimento e de combate à barbárie, deve levar as pessoas a uma postura de combate ao pensamento retrógrado, como o propalado por Bolsonaro e Olavo de Carvalho. Este trabalho por si constitui-se como um elemento de ofensiva à barbárie, tal como ensinara Adorno.

Diante do que foi exposto, a Educação Física tem um papel a desempenhar na formação dos cidadãos. Reduzir essa disciplina somente ao aspecto físico, dissociado da questão ético-crítica, constitui-se um equívoco, uma vez que não ajudará na formação de seres críticos e emancipados, mas, sim, de pessoas a serem conformadas com qualquer configuração social. A história brasileira, como citada neste trabalho, é a prova viva de que a formação de indivíduos críticos pode ajudar a nação a combater

regimes autoritários e, por conseguinte, lutar por democracia. Essa formação crítica, de combate à barbárie, são os pressupostos do esclarecimento kantiano e da criticidade defendida pelos filósofos de Frankfurt, dos quais Elenor Kunz apropriou-se para fundamentar a abordagem crítico-emancipatória da Educação Física.

Considerações finais

Diante da realidade brasileira é urgente que mais atletas como Carol Solberg usem de seu protagonismo para denunciar os descabimentos do Governo Bolsonaro, tal como fizeram os atletas do Corinthians em plena ditadura, contra o governo militar. A classe esportiva, por exemplo, não pode ficar calada diante de posições do Governo Federal que visam, dia após dia, desestimular a vacinação contra a Covid-19. Esse é só um dos muitos exemplos que poderiam ser dados para mostrar quão urgente é a necessidade de uma formação crítica dos jovens brasileiros.

Que o esporte seja sempre um meio de propagação da saúde, de qualidade de vida, de socialização etc., mas que ele também contribua com a sociedade de uma forma mais efetiva. O esporte tem essa capacidade, pois já o demonstrou no passado de forma contundente. Urge, então, que uma nova geração seja formada nesse binômio: esporte/consciência crítica. Para isso, a disciplina de Educação Física, sobretudo na Educação Básica, tem um papel importante a desempenhar no sentido de ajudar aos brasileiros a caminharem rumo à emancipação total e sem as amarras do autoritarismo, que sempre assola o povo brasileiro.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. [S.l.]: [S.n.], 1947. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BOLSONARO, J. M. Sou homofóbico sim, com muito orgulho. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b6QchslukrQ&ab_channel=AcervoHist%C3%B3rico>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BOLSONARO, J. M. Bolsonaro esculacha falsos defensores dos direitos humanos. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1TkZPqHJhIE&ab_channel=JairBolsonaro>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BOLSONARO, J. M. Jair Bolsonaro defende ditadura na Câmara dos Deputados. **Youtube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TXoaI9UacWw&ab_channel=EBCnaRede>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRASIL. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro em 25 frases polêmicas**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

CHARLSOM, F. Polêmica: atletas da seleção de vôlei fazem suposta alusão a Bolsonaro. **Portal Metrópoles**, 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/polemica-atletas-da-selecao-de-volei-fazem-suposta-alusao-a-bolsonaro>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

FERNANDES, W. Carol Solberg é denunciada ao STJD por manifestação política. **Globo Esporte**, 2020. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/volei-de-praia/noticia/stjd-denuncia-carol-solberg-por-manifestacao-politica.ghtml>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

KANT, I. Resposta à Questão: O que é Esclarecimento? **Cognitio**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://ken.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/viewFile/11661/8392>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

KUNZ, E. Pressupostos de uma Teoria Educacional Crítica para a Educação Física. **Movimento**, ano 5, n. 10, 1999. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2456>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Global, 1988.

MARTINS, M. Z.; REIS, H. H. B. dos. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092014000300429>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SILVA, M. R. da; PIRES, G. D. L.; PEREIRA, R. S. O necroliberalismo, bolsonaro 'vírus mental' e a pandemia da COVID-19 como casos de saúde pública: o real resiste? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 1-18, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e72755/42996>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SILVA, M. R. da. *et al.* Bolsonaro e a COVID-19: e daí? “o Brasil tá matando o Brasil”, “do Brasil, SOS ao Brasil”, “chora a nossa pátria, mãe gentil...”. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 1-19, abr./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e74507/43496>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SOARES, J. *et al.* Em cerimônia dos 100 dias, Bolsonaro assina 18 atos e anuncia envio de medidas ao Congresso. **O Globo**, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-cerimonia-dos-100-dias-de-governo-bolsonaro-assina-18-atos-anuncia-envio-de-medidas-ao-congresso-1-23590392>>. Acesso em: 15 dez. 2020.